



# CAPÍTULO III

## HISTÓRICO DO NAZI-FASCISMO



### 1 - Origens e o fascismo italiano

São várias as dúvidas que rondam esse tema, não só em seu estado puro como os seus representantes contemporâneos. Sendo assim, está sendo mais comum usar o termo "fascista" como ofensa do que como ideologia em si. A esfera nefasta que gira em torno desta ideologia permite isso. E veremos o que se passava na Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler.

Primeiramente devemos ressaltar que fascismo e nazismo não são a mesma coisa. Mesmo ambos partindo de uma mesma linha teórica, o nazismo é uma versão mais radical do fascismo. Podemos afirmar que todo nazista é fascista mas nem todo fascista é nazista. Veremos com mais detalhes essa distinção.

Engana-se quem pensa que o fascismo surgiu na Itália ou na Alemanha. A França foi o primeiro país com um movimento fascista organizado, o Action Française. O Action foi liderado por Charles Maurras e Leon Daudet e não emplacou por um simples detalhe: a união. As divergências internas e a falta de coerência política entre Maurras e Daudet mataram o surgimento de um movimento francês forte.

Os créditos ficam com um careca de nome Benito Mussolini. Ele não inventou ou criou o fascismo, mas foi o primeiro a subir ao poder e por a ideologia em prática. O Partido Nacional Fascista subiu ao poder com uma coligação em 1922, se não fosse essa coligação seria impossível tal feito. A marcha sobre Roma marca esse episódio, com o desfile das camisas negras. Os camisas negras eram a milícia do partido de Mussolini, que mais tarde a transformou na polícia política do Estado italiano.

Segundo Konder, o fascismo subiu ao poder porque a direita estava temerosa quanto às revoluções proletárias que estavam ocorrendo na Europa na época (tendo elas sucesso ou não). A direita precisava do apoio das massas para manter-se no poder, e como esta apenas demonstravam descontentamento, a elite pôs-se a ler os livros de Marx para usar em proveito próprio.

Como ex-membro do partido comunista italiano, Mussolini conseguiu isto muito bem. Através da propaganda e de seu discurso nacionalista teve o apoio tanto das elites quanto da pequena burguesia e do operariado. Desta feita, Mussolini apaziguou o proletariado italiano ao deturpar as idéias de Marx, tomemos como exemplo a luta de classes. No seu entender, a luta entre o proletariado e burguesia só enfraqueceria a Itália. O país, de perfil proletário, deveria lutar contra as nações capitalistas. Com isso o Duce tira o caráter opressor da burguesia italiana e passa para a Inglaterra e França que possuía bem mais colônias que a Itália. Esta por sua vez exigia uma parte do território africano.

Chegamos ao conceito aglutinador das massas: nação. O conceito de nação ou nacionalismo vem desde o século XIX e veio acirrando os nervos dos países europeus. Foi o motivo para a unificação tanto da Itália quanto da Alemanha. Na Alemanha, sob o comando de Bismark, durou de 1870 até 1878.

Na Itália o processo foi mais longo por dois motivos. Primeiro o império austro-húngaro sempre sufocava os levantes nacionalistas do reino de Piemonte por causa de sua superioridade bélica. Piemonte só tem sucesso quando alia-se à França para derrotar o exército austro-húngaro. Em segundo lugar, os Estados Pontifícios que ficavam no meio da península italiana. Portanto houve duas frentes de batalha: ao norte com Piemonte e ao sul

com o reino das duas Sicílias. Roma transformou-se num impasse, pois era a sede da Igreja católica. Para se ter uma idéia a Itália já estava unificada em 1860, menos Roma, que só foi ocupada pelos italianos dez anos mais tarde.

Voltando à Itália de Mussolini, o Duce ainda tinha que lidar com a oposição da câmara onde os fascistas eram minoria. O governo de Mussolini não foi desde o início, um governo fascista. Entre 1922 e 1925, teve que governar de acordo com a legislação italiana. A partir de 1925, com a reforma eleitoral que dava um maior número de cadeiras aos fascistas e a restrição à liberdade de imprensa, o partido fascista começa mostrar as caras. Em 1926, o ditador sofre um segundo atentado que serviu de argumento para a promulgação de leis fascistas. Os parlamentares de oposição foram demitidos, houve a dissolução de qualquer associação ou partido que fosse contrário ao regime, isso sem falar em plenos poderes ao Chefe de Governo, o Duce.

Mussolini no entanto fracassou na tentativa de montar um Estado totalitário por três razões principais:

1- A figura do rei, que apesar de enfraquecida, ainda constituía no Chefe de Estado e conseqüentemente o Chefe do Exército onde este, em sua maioria não era fascista.

2- O Partido Nacional Fascista teve uma coligação com a Igreja Católica e pagou caro por esta coligação. Teve que aceitar a oposição da Ação Católica que emperrou na formação tanto moral quanto espiritual da juventude italiana.

3- Por último e mais importante, a não penetração dos ideais fascistas na classe operária, pois é lá que se organizam as forças da Itália democrática e republicana, a resistência italiana.

## 2- O nacional-socialismo

A figura do líder é de suma importância para os regimes ditatoriais ou totalitários. Podemos ver na Itália de Mussolini, na URSS de Stálin, na Espanha de Franco, em Portugal com Salazar dentre outros. Porém nosso enfoque central neste momento é a Alemanha de Adolf Hitler.

Hitler, depois de lutar na Segunda Guerra Mundial, continuou no exército até ser designado, em 1919, para espionar o surgimento de um partido político. Era o Partido Trabalhista Alemão. Algumas idéias do partido o seduziram e com o passar dos tempos tornou-se um dos membros mais influentes deste. E em 1920, surge o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (National-Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei). Como os socialistas eram chamados de sozi, os nacional-socialistas eram chamados de nazi, daí a expressão "nazista".

O partido assumiu uma postura nacionalista, anti-semita, anticomunista e conservadora. Os simpatizantes cresceram devido à destreza oratória de Hitler que entusiasmava a todos em seus comícios. O partido apresentava um programa político de 25 pontos dentre os quais tinham fins racistas e, obviamente, nacionalistas. Destacam-se o: 3 ponto que referia-se à necessidade e ampliação do espaço vital; o 5 ponto exigia a exclusão dos judeus da comunidade alemã; o 12 ponto falava no confisco dos lucros de guerra; o 13 ponto na nacionalização das indústrias monopolistas; o 14 ponto na participação dos trabalhadores nos lucros das grandes empresas; e o 17 ponto referia-se à reforma agrária, só para citar alguns.

Alguns destes pontos têm mais o intuito de atrair simpatizantes do que propriamente o real plano de governo de Hitler. Nos seus discursos, há ataques contra o Tratado de Versalhes que feriam o orgulho alemão, com penas duríssimas que deixaram a Alemanha mergulhada em uma enorme crise econômica. O pagamento de dívidas de guerra para França e Inglaterra; a tomada dos territórios da Alsácia e Lorena (conquistados pela Alemanha na guerra Franco-prussiana); a redução do contingente militar alemão para no máximo 100.000 homens; e a região da Renânia deveria ser desmilitarizada (a Renânia, região do rio Reno, fazia fronteira com a França, Luxemburgo e Bélgica). Vemos, portanto que a crise econômica vem se arrastando desde 1919, quando da assinatura do tratado. A crise de 1929 só fez piorar a já fraca economia alemã.

O partido contava com um milícia, a S.A, para proteger os discursos de Hitler dos agitadores comunistas. Logicamente os membros da S.A deveriam ser alemães fortes, sadios e sem nenhuma ligação judaica. O crescimento do partido fez crescer as fileiras da S.A que foram criadas e comandadas por Ernest Röhm em 1922.

Vendo o potencial que o partido tinha, Hitler tentou o golpe de Estado em Munique no dia 9 de novembro de 1923. Foi um fracasso, e teve um saldo de 16 mortos e 15 presos do lado nazista, entre eles Adolf Hitler. Foi condenado, porém ficou preso apenas 6 meses. e neste tempo de cárcere Ele escreve a sua obra: Minha Luta (Mein Kampf) onde mostrarei alguns

trechos para os leitores. depois do golpe o partido foi dissolvido e só voltou a funcionar em novembro de 1926.

O nacional socialismo diferencia-se do fascismo italiano pela ênfase na raça. Ambos julgavam-se superiores tendo como base o passado glorioso que seus líderes buscavam resgatar. O racismo deve-se principalmente a dois ideais. Primeiro, na glorificação da raça ariana, como sendo superior. E por último, o detrimento da "raça" judaica e de outros povos. Hitler não considera o judaísmo como religião, mas como raça. Citando o próprio Hitler sobre o que ele acha do povo ariano: "Se a humanidade pudesse se dividir em três categorias: fundadores, depositários e destruidores de cultura, só o ariano deveria ser visto como representante da primeira classe(...)".

E mais: "É essa a tendência interior que o ariano deve sua posição no mundo, esse a ela deve também a existência do próprio homem superior".

Para a sobrevivência da raça ariana, ela deveria conquistar novos territórios, o que o ditador nazista chama de espaço vital (lebensraum). Lembram-se do 3 ponto do partido? Hitler pensava que os povos germânicos deveriam ficar todos sob um mesmo governo e os povos germânicos não resumiam-se apenas na Alemanha. Todos os arianos que estão na Áustria, Polônia, Checoslováquia e etc, deviam estar sob o mesmo governo. E os outros países que os alemães conquistaram na Segunda Guerra, visava também, a ampliação do espaço vital, mesmo que abrangesse toda a Europa. Tudo só para os alemães. E mais uma vez nas palavras de Hitler: "Por isso a única esperança de realizar a Alemanha uma política territorial sadia está na aquisição de novas terras na própria Europa"

E para tal feito era preciso uma massa nacionalista e fanática. Para Hitler, tanto a obtenção do espaço vital quanto o futuro do movimento é necessário o fanatismo. Leia você mesmo: "O futuro do movimento depende do fanatismo, mesmo da intolerância, com a qual seus adeptos o defenderem como a única causa justa(...)"

O fanatismo realmente teve um papel importante dentro do partido nacional socialista. De um lado, temos o fanatismo idólatra, onde a figura do líder recebe o status de semideus. A população via em sua pessoa um exemplo a ser seguido e o próprio Führer achava que devia dar esse exemplo: "não bebia, não fumava, era vegetariano, não ostentava luxo pessoal".

Temos o fanatismo excludente que era uma arma para o nazismo. Este tipo de fanatismo via no outro, só por ser diferente, um motivo de ódio, preconceito e perseguição. Esta política excludente e preconceituosa teve uma maior intensidade após a subida de Hitler ao poder em 1933. Os responsáveis por essa perseguição eram os soldados da S.S., organização paramilitar criada e organizada por Heinrich Himmler em 1929. Mais tarde esta milícia tomaria lugar da S.A, em 1935, quando Röhm e seus companheiros foram assassinados na "noite dos punhais" por se oporem ao Führer.

Todos que não se encaixavam nos moldes do Estado nazista era considerado inimigo deste. Várias pessoas foram perseguidas antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Vamos ver quem eram essas vítimas do ódio. Classificaremos por ordem alfabética e poderemos chamar de:

## **2.1 Dicionário da Intolerância**

### **A. alemães**

A perseguição à população de origem germânica também. Na idéia de raça pura não poderia haver pessoas com defeitos físicos ou mentais. Para obter uma raça superior, na concepção nazista, deve-se ter apenas pessoas bonitas e saudáveis.

A eugenia foi muito utilizada para os portadores de deficiência física, como a miopia, por exemplo. Quem fosse portador dessa deficiência, os médicos esterilizavam a pessoa para que não pudesse mais ter filhos com o mesma característica.

Os doentes mentais tiveram um destino pior. Por se tratar de uma doença incurável, o Estado "tratava" seus doentes com sua eliminação física. No filme "Arquitetura da Destruição" podemos ver claramente esse procedimento. Primeiro, o doente era internado em um "hospício" e os familiares eram informados das causas da internação. Num segundo documento, a família era informada que o paciente havia piorado o seu estado clínico. Por último, vinha o atestado de óbito.

### **C. comunistas**

O comunismo sempre foi visto como uma ameaça aos ideais de Hitler. O caráter nacionalista do nazismo não aceitava o perfil internacionalista do comunismo. Aliá-se a isso, o ódio que Hitler tinha de Marx e sua doutrina.

Como visava a revolução do proletariado, o marxismo era tido como uma conspiração do judaísmo internacional (Marx era judeu só para piorar). Hitler via no passado glorioso do III Reich de Bismarck um modelo a ser seguido, ou trocando em miúdos, a manutenção do *status quo*. Mas essas idéias ficavam ocultas ao operariado alemão. Nos seus discursos, antes de tomar o poder, criticava a social-democracia, sua política externa, chamava-os de traidores do Estado, etc. Com isso as massas foram distanciando-se do partido comunista alemão onde, dizia Hitler, além de estar ligado ao judaísmo internacional era um membro subordinado ao partido bolchevique.

E realmente seguia as determinações de Moscou. Tanto que nas eleições o partido comunista tinha como inimigo principal a social-democracia e não viam o partido nazista como uma ameaça. Estavam enganados. Hitler não se elegeu, mas por pressões populares e do grande empresariado da Alemanha, foi nomeado chanceler em 1933.

### **E. estrangeiro**

Com a crise econômica os maiores prejudicados, obviamente, são os trabalhadores. Falta de emprego, miséria, fome, só para citar alguns problemas. O estrangeiro era visto como invasor que, além de ser uma raça inferior, tomava o emprego já escasso dos alemães. Este discurso permanece até hoje como veremos a seguir.

Este discurso funcionou muito bem, pois a onda de discriminação só aumentou. Poloneses, eslavos, ciganos (considerados um povo nômade) não eram bem-vindos no III Reich. E na necessidade e ampliação do espaço vital esses povos sofreram nas mãos dos alemães durante a Segunda Guerra: os que não eram mortos em campos de concentração, trabalhavam em um regime de semi-escravidão. Os burgueses alemães adoraram, pois reduziu-se o custo da mão-de-obra e ganharam rios de dinheiro para impulsionar a economia de guerra. Os costumes estrangeiros eram também perigosos para o III Reich. A influência da cultura de outras nações poderia corromper o povo alemão, segundo os nazistas. No entanto, queria-se evitar um contato com nações não-totalitárias porque essa troca de informações faria ruir o regime totalitário que Hitler queria impor à Alemanha.

### **H. homossexuais**

Vale lembrar primeiramente que homossexual é a pessoa que tem atração e afinidade sexual por outra do mesmo sexo. Resumindo: gays e lésbicas. O fato interessante é que o homossexual masculino sofria mais a repressão diferentemente do homossexual feminino. Não são todos homossexuais?

Sim, só que na idéia de se criar uma raça pura o homem desperdiçava sua energia sexual com estas relações, portanto era visto como um degenerado. Solução: campos de concentração.

Já as mulheres não recebiam repressão, porque elas poderiam gerar um filho como qualquer outra. Tanto que o Estado dava assistência às mães solteiras. Só que com uma condição: os filhos gerados por elas pertenceriam ao Estado.

### **J. judeus**

Estes realmente sofreram nas mãos do Führer. O sentimento contra os judeus não foi Hitler que inventou nem começou na Idade Média. A perseguição contra os judeus vem desde os tempos bíblicos. Lembra dos Hebreus que Moisés libertou da escravidão do Faraó? Aí está o primeiro indício de perseguição contra os judeus na História. Contrariando todos os outros povos daquela época, os judeus eram um povo monoteísta, na qual foram motivos de zombaria e preconceito destes povos.

Na Idade Média a perseguição aos judeus era fundamentada como os responsáveis pela morte de Jesus Cristo. E como o poder da Igreja Católica era maior do que qualquer rei ou senhor feudal, estava aberta a temporada de caça aos judeus. Eram expulsões, perseguições e até a morte de vários deles.

Naquela época, qualquer judeu era proibido de possuir terras. Isso explicaria o vínculo com o comércio e o caráter nômade deles. A inquisição só fez por piorar a situação do judeus. Eles eram obrigados a se converterem ao cristianismo para escapar à fogueira dos Autos de Fé. Os que se converteram, foram denominados cristãos-novos, porém nem todos se converteram por completo e professavam a religião judaica secretamente.

Os cristãos-novos prosperaram no comércio já que adquiriram essa habilidade anteriormente no veto a serem proprietários de terras, portanto enriqueceram. A Igreja, não satisfeita, os tratou como hereges pela vinculação com o dinheiro. Mais fogueira para os cristãos-novos.

A Reforma Protestante não aliviou para o lado dos judeus. em um primeiro momento, Martinho Lutero escreve um texto de apoio aos judeus e tece ferozes críticas aos cristãos. Isto foi em 1523, mas em 1542 ele escreve "Contra os judeus e suas mentiras" e propõe queimar as sinagogas, confiscar os hebraicos e expulsar os judeus do território germânico.

A partir daí temos uma batalha entre as pessoas a favor e contra eles. Mas a perseguição era contínua e sua vinculação aos adjetivos de avarento e ganancioso foram-lhe atribuídas por todo continente europeu.

Eis que surge os "Protocolos dos Sábios de Sião", de autor desconhecido sendo atribuído a um místico russo, Serge Nilus. Isto tudo em 1905. O texto denuncia uma conspiração secreta para uma dominação judaica mundial. isto se daria através da indústria de entretenimento em geral sem dar conhecimento de quem estava por trás desta.

Todo esse histórico foi para ilustrar em que contexto Adolf Hitler cresceu. O anti-semitismo alemão era muito forte e isso abateu-se na cabeça insana do ditador alemão. Leu jornais anti-semitas da época e todas as obras anteriormente citadas. Soma-se a isso a crise político-econômica na Alemanha. E o judeu serviu perfeitamente como bode expiatório nos anos de crise econômica na Alemanha.

Em seu livro o Führer destila todo o seu ódio à comunidade judaica chegando a citar o filósofo alemão Schopenhauer. Segundo o ditador nazista: "O judaísmo nunca foi uma religião, e sim um povo características raciais bem definidas". O judeu no seu entender é um povo nômade e que vive às custas dos povos a qual convive. Traça a chamada "invasão judaica" em vários tópicos sem caracterizar o momento histórico em que se realiza. Nesta narrativa observamos claramente o militante anti-semita que é do que propriamente de o perfil de historiador, matéria a qual tanto admira.

### **N. negros**

Para você sequer pensar em uma raça superior as demais raças devem, logicamente, serem inferiores. O racismo alemão não afetou duramente os negros por um simples motivo: a população negra na Europa era insignificante. Principalmente na Alemanha. Aliando a esse pensamento, temos o fato de que os negros foram tratados como escravos por vários séculos. Mesmo abolida a escravidão, as potências européias partilharam a África entre si. E os territórios africanos continuaram sob o domínio europeu. É difícil pensar que séculos de escravidão e racismo vão acabar em poucos anos.

É um tremendo absurdo negar que os alemães eram racistas. Há uma maior concentração excludente quanto aos verbetes anteriores pelo simples fato de que estavam em maior número na Alemanha do que os negros.

Vamos voltar às olimpíadas de Berlim, em 1936. Estes jogos olímpicos foram uma forma de provar a superioridade da raça ariana. A Alemanha ficou em primeiro lugar no quadro de medalhas, até aí tudo bem. Não fosse o fato de que Jesse Owens - atleta norte-americano e negro - ganhar quatro medalhas de ouro no atletismo. Isso deixou o Führer tão furioso que ele saiu do estádio quando viu Jesse Owens ganhar a corrida dos 100 metros rasos. A partir daí Hitler não cumprimentou mais atleta nenhum, o que antes fazia, aos vencedores.

## **CAPÍTULO IV**

### **Um Outro Brasil: Do Integralismo aos Movimentos Neonazistas**

Para entendermos os movimentos neonazistas no Brasil devemos nos remeter a duas épocas e locais diferentes: Primeiro, o movimento careca tem uma veia de integralismo da década de 30. E temos na Inglaterra entre as décadas de 60 e 70 o surgimento do movimento neonazista e do movimento punk que nos ajuda na compreensão da vertente brasileira.

#### **1. Integralismo: ser ou não ser fascista, eis a questão?**

Anauê! Esta era a saudação dos integralistas no início da década de 30. É uma expressão tupi que significa viva, salve. Era o resgate nacional do Brasil por seu principal ideólogo, Plínio Salgado. Salgado fundou em 1932 a Ação Integralista Brasileira (AIB), cujo símbolo era o S (letra grega 'sigma', que significa soma).

Plínio Salgado dá uma outra visão de Brasil e de sistema de governo. Segundo Salgado, a população brasileira não estava preparada para a democracia, então esta precisava de um Estado forte e centralizador. Não comecem a denunciá-lo como fascista ou nazista, pelo menos ainda não. Apesar do movimento Integralista ter várias pontos em comum com o fascismo italiano, também tem suas diferenças. Vamos às semelhanças.

O movimento integralista é nacionalista e prega um Estado centralizador que englobaria política, economia e religião. "Deus, Pátria e Família" é o seu lema. Com a benção da Igreja, formaria um Estado forte que combateria a ameaça comunista, liberal e do capitalismo imperialista. Assim como o Estado de Mussolini.

Segundo Plínio Salgado, o Brasil formaria uma raça superior através de uma mescla de raças (brancos, negros, índios, asiáticos, etc.) onde esta seria o futuro da humanidade. E esta mesma mistura resultaria em uma sociedade harmoniosa, pois ele praga o antagonismo de classes: não a luta de classes, mas a convivência entre ricos e pobres em perfeita harmonia. Era uma releitura que Mussolini fizera de Marx, adaptado para o nosso Brasil.

O integralismo foi uma ideologia que atingiu mais a classe média brasileira. Tanto as milícias quanto os dirigentes em sua maioria, pertenciam a classe média. A categoria marxista de intelectuais descobriu que o proletariado é fraco e o Estado é forte, tornam-se, portanto, fascistas<sup>1</sup>. Como era uma ideologia nova, formulada na década de 30, o integralismo via na juventude a sua força motriz. Acusava o comunismo e o liberalismo de serem ideologias velhas e anacrônicas.<sup>2</sup> E desta juventude o movimento teria material para montar a vontade nacional, única e total. Não se enganem: todo movimento ou regime de cunho fascista tem um fim totalitário. E as diferenças? Vamos a elas então.

Como Plínio Salgado era a favor de uma mescla de raças, os judeus não eram discriminados por ele. A figura individual do judeu e não a figura ideológica dele como sendo o banqueiro, o capitalista explorador, aliados do capitalismo e do liberalismo. Isto batia de frente com a ideologia de Gustavo Barroso. Chefe da milícia integralista, os camisas-verdes, este era radicalmente contra os judeus. Ele escreveu palavras nada amistosas contra eles em seu livro: "Judaísmo, Maçonaria e Comunismo".

A ideologia pregada por Barroso não era majoritária dentro da AIB. Barroso frisa que o empobrecimento brasileiro deve-se a ligação dos judeus daqui com o capital internacional. Ou seja, a perseguição justifica-se por motivos econômicos. Hitler também pensava assim, porém o anti-semitismo alemão tinha o caráter mais biológico com a finalidade da construção de uma raça pura. Na Itália pregava-se o resgate dos caracteres nacionais (da Roma Antiga) e não a de uma unidade racial. Como os judeus não tem descendência romana, não tinham direito à cidadania italiana.

Por que não subiu ao poder? Primeiramente, o Brasil não dispunha de "camadas sociais desperadas, frustradas e violentas como existiam na Europa pós-guerra".<sup>3</sup> Muitos menos um nacionalismo exacerbado tanto da população quanto do exército brasileiro. Ou seja, não havia um descontentamento generalizado na base da população que a levasse a tomar posturas radicais e ofensivas contra o governo. Getúlio Vargas soube trabalhar muito bem isto com a criação do salário mínimo, organização de sindicatos e várias concessões à classe trabalhadora.

Getúlio Vargas. Esta foi a "pedra" no caminho do integralismo. Plínio Salgado viu com bons olhos o governo de Vargas, representando um Estado forte e conservador. Por ser anticomunista, Getúlio recebeu o apoio da AIB desde o governo provisório até o golpe que originou o Estado Novo, em 1937. Como o golpe tinha um caráter autoritário e conservador, ele recebeu o apoio de Plínio & Cia, porém o mesmo Getúlio extinguiu todos os partidos políticos e agremiações políticas, inclusive a AIB. Depois de receber o apoio, percebeu que não precisava mais deles e os dispersou. Mas esta não foi a morte definitiva da AIB, ela ressurgiu em 1945 sob o nome de Partido da Representação Popular (PRP) e continuou em funcionamento como veremos mais adiante.

## **2. Nascimento, Desenvolvimento e Crescimento do Neonazismo Brasileiro**

### **2.1. Era uma vez na Inglaterra...**

Só porque o nazismo é alemão e o fascismo é italiano isso não quer dizer que o neonazismo tivesse que nascer em um destes dois países. Vamos ver o que acontecia na Inglaterra na segunda metade da década de 60.

Final da Copa do Mundo de 1966, Inglaterra e Alemanha. Com a vitória inglesa, o Reino Unido inteiro comemora e tem início a confusão também. Os "hooligans" começam a se destacar nesse período. Alguns deles raspam a cabeça para dificultar sua captura pela polícia. É uma comemoração destrutiva. Devido à cabeça raspada são denominados Skinheads (cabeças peladas) pelos outros membros da sociedade.

Estes primeiros skinheads vestem-se como operários, com calças jeans, botas e suspensórios. Gostavam de reggae jamaicano (Bob Marley, entre outros) e viviam nos subúrbios industriais londrinos. Tem um caráter nacionalista exacerbado, acentuado notadamente por este jogo na Copa do Mundo. O orgulho de ser inglês. Em um primeiro momento não tinham nenhuma ideologia definida, apenas amavam loucamente o seu país. Em fins da década de a extrema direita dá as caras: o National Front, partido político que se forma nesse período de efervescência.

Em 1968 Enoch Powell faz um discurso que "apelava para a defesa dos cidadãos britânicos, de sua cultura, de sua raça e de sua nação contra os imigrantes".<sup>4</sup> Temos aí um discurso não só nacionalista como também xenófobo.

Agora temos uma influência de extrema direita dentro da política inglesa. Esse discurso encontra eco, pois a Inglaterra estava em uma crise econômica que afetou diretamente o operariado industrial. Como o nível de desemprego aumentava, os responsáveis por tal seriam os imigrantes que eram contratados por serem mão-de-obra mais barata, segundo o discurso do National Front. Manifestações violentas passaram a ser atribuídas aos hooligans e aos skins. Para piorar a situação, na segunda metade dos anos 70, Margaret Thatcher sobe ao poder e põe em prática o liberalismo econômico. Thatcher ataca os sindicatos e todos os benefícios sociais concedidos durante a gestão anterior. Isso só gerou mais descontentamento do operariado inglês.

As manifestações culturais dos skinhead eram o futebol - exemplo de esporte viril - e a música, com o reggae jamaicano. Com o passar dos anos o reggae tentou atingir o público negro com referências à origem africana, e isto distanciava os skinheads desse estilo musical por serem estes brancos. O rock n' roll da época também tinha um discurso que não se encaixava na realidade destes jovens operários: o "paz e amor" do movimento hippie, a sonoridade complexa e letras existencialistas do rock progressivo estavam longe da visão de mundo dos primeiros skinheads.

Eis que surge em 1975 uma banda de garotos, fazendo um rock simples, com letras críticas e visual agressivo: os "Sex Pistols". A partir deles o "punk" (em inglês "lixo", "podre") assume o caráter de movimento. Com letras ofensivas, o punk rock passou a ser uma alternativa ao mercado fonográfico da época.

Mas o mercado não iria deixar escapar essa fonte de renda. No início era uma forma musical que não se encaixava em qualquer meio de comunicação e suas roupas, rasgadas e cheias de pregos e alfinetes não tinha em qualquer boutique ou brechó. Eis que temos a new wave (nova onda) que passa a vender o punk como um produto de prateleira. A partir dessa new wave que o punk rock ficou conhecido pelo público mundial.

Os skinheads porém não se identificaram com os punks por terem um visual "sujo" e terem o rótulo de drogados. A forma de música e os shows eram um motivo de união, no entanto, entre eles. Nestes shows via-se jovens com símbolos diversos, como suásticas, símbolos anarquistas e camisas com o rosto de Marx estampado, além da bandeira da Grã Bretanha. Uma verdadeira confusão ideológica era o que se via.

Pelo fato de serem nacionalistas e terem um discurso xenófobo e conservador, os skinheads da segunda metade da década de 70 identificaram-se com a extrema direita do National Front. Só os punks tinham um discurso mais anarquista, além de socialistas que não encontravam acolhida entre os skinheads ingleses.

Na virada da década, temos um movimento que prega a união entre punks e skinheads: o "Oi!" (saudação cockney, oriunda da Escócia) surge com a proposta de acabar com as diferenças e frequentes brigas entre as duas tribos. A banda "The Exploited" surge como expoente desse estilo e levanta a bandeira da união. A mídia, no entanto, via com maus olhos tanto uma como outra facção, atribuindo a eles no conjunto uma onda de violência e bagunça. A acusação da existência de um vínculo entre bandas "Oi!" e a extrema direita britânica vem a agravar o quadro. Diante da pressão e do bombardeio da mídia de incidentes desagradáveis, o movimento redundou em fracasso.

## **2.2. O Brasil dos Punks e dos Carecas**

Diferentemente dos britânicos, os punks surgiram antes dos skinheads no Brasil. As primeiras informações sobre o movimento punk chegam ao país no final da década de 70, precisamente no ano de 1977. Por ser um movimento juvenil, alguns jovens brasileiros aderem ao visual e ao tipo de música punks. O "Sex Pistols" foram referência para esses jovens que, assim como os ingleses, eram de origem operária, pobres e viviam nos subúrbios da capital paulista.

Segundo Márcia Regina, as primeiras reportagens sobre o movimento punk tinham um caráter de descredito por parte da sociedade em geral, sendo caracterizado por muitos como um modismo. Já na Europa, os órgãos jornalísticos viam o movimento com outra perspectiva, preocupados com a onda de violência havida, principalmente, em shows de rock. A imprensa brasileira, no entanto, ataca o movimento punk brasileiro como sendo ele um movimento politicamente contraditório e antidemocrata. Isso deixa claro o desconhecimento por parte dos órgãos de informação da diferença entre punks e skinheads, que nesse momento já apareciam como um grupo em formação na periferia da cidade de São Paulo.

O movimento new wave, oriundo da Inglaterra, mesmo criticada pelos punks em geral, foi a responsável pela chegada da música, dos costumes em terras brasileiras. Em 1978, ainda segundo Márcia, foi um ano de crescimento para o movimento punk brasileiro, os jovens do subúrbio paulistano começaram a se identificar com esse movimento, e passam a se agremiar em "gângues".

Os relatos que Márcia Regina colhe em seu livro são importantíssimos para a compreensão do início do punk brasileiro. Entrevistando vários elementos colhidos no seio do movimento, conseguiu depoimentos reveladores com relação ao surgimento do movimento na cidade de São Paulo. nas palavras do punk S. :

"Em 1978 a ideologia punk era mais nihilista, ligada à autodestruição, (...). uma revolta mais pessoal, individualista. Mais tarde o movimento mudou para uma coisa mais anarquista, um combate coletivo ao Estado e às normas sociais, às regras burguesas. Isso começou a ocorrer em 1982 e eu entrei nesta época no movimento."

Este mesmo rapaz relatou que sabia do que estava acontecendo na Inglaterra na época, através de publicações dirigidas e revistas em geral. No trecho transcrito, ele demonstra claramente o aspecto de ausência de uma ideologia dominante no movimento e a evolução do movimento para um dimensionamento mais objetivo e de caráter mais abrangente. O ponto de convergência dos primeiros membros encontra-se unicamente no caráter de contestação da sociedade e suas instituições. Em 1982 a anarquia aparece como um direcionamento político para todo o grupo, elegendo como alvo de críticas de uma forma mais precisa o Estado e a sociedade burguesa. A música aparece como elemento catalisador desta mudança, conforme se depreende da leitura de letras de grupos como os "Sex Pistols"; como exemplo temos músicas como "Anarchy In The U.K." e "God Save de Queen", censuradas nas rádios britânicas e adotadas como hinos pelos punks. O boicote se deve ao caráter agressivo e ácido das críticas à forma de organização do governo à monarquia.

Outro entrevistado por Márcia Regina justifica a agressividade e a tendência à violência adotada também pelo movimento brasileiro: segundo ele a formação da gangue tinha como fim não apenas agremiar indivíduos de idéias semelhantes, mas também como uma forma garantir a integridade física dos simpatizantes do movimento punk; segundo ele, "na periferia, ou você bate ou você apanha.(...)".ó Isso era uma forma de proteção, unir-se a um grupo. Esse movimento não era unificado e isso gerou uma separação entre os punks da city (oriundos do centro da cidade de São Paulo) e os punks do subúrbio (região do ABC paulista e Zona Leste de São Paulo).

Desta separação originou-se a diferenciação entre os punks de São Paulo. As diferenças entre as duas tribos gerava conflitos freqüentes entre as mesmas, geralmente tendo como palco shows de música e encontros casuais. Novas dissidências internas tomaram corpo no interior do grupo dos punks de subúrbio: com um discurso que valorizava a anarquia e os valores morais católicos, começou o movimento dos cabeças raspadas, que de início unia-se aos punks do subúrbio contra o inimigo comum da city. Esta "rixa" começa na acusação dos punks do subúrbio de que os punks da city ouvem new wave. A violência física, no entanto, passou a possuir um caráter mais cultuado no recém formado Carecas do Subúrbio.

Tal como havia acontecido no Reino Unido com o movimento "Oi!", começou a se criar um movimento tendo como fim a união e o término das diferenças entre os diversos segmentos. Bandas como "Os Inocentes" entre outras, passaram a levantar a bandeira do fim dos conflitos, pregando a conscientização contra o inimigo comum, o sistema econômico vigente. Começaram então a circular fanzines condenando todas as facções à união através de shows, na tentativa de acabar com a imagem do punk como um marginal sem perspectiva e sem outra ocupação além do vandalismo gratuito. O movimento, tal como na Inglaterra, não surtiu efeito: as diferenças entre carecas e punks efetuou no distanciamento destas.

Com uma ideologia mais concatenada, os carecas eram contrários à anarquia, as drogas e ao modo de se portar e vestir dos punks. Assumindo a bandeira nacionalista, passaram a cultuar o corpo e a pregar os valores conservadores como a moralização da sociedade e a dignificação do trabalho. O desenvolvimento de alguma forma de trabalho passou a ser ponto de honra, como forma de se dissociarem da imagem então a eles atribuída.

Segundo os relatos colhidos de Márcia Regina, já havia carecas em 1980, porém só teve caráter de um movimento diferenciado dos punks em 1983-84. Peço licença para Márcia Regina ao reproduzir um manifesto feito por um careca em 1985 onde esdarece a aparição do carecas do subúrbio. Vamos a ele:

"Como todo mundo já deve saber, o movimento punk surgiu no Brasil em 1978, quase ao

mesmo tempo que na Inglaterra. Neste ano, quando começou a se formar gangues de vila, existia união e os ' carecas do sulúrbio' era uma gangue punk com componentes limitados. Com o tempo, o movimento punk foi sendo usado pela mídia e começaram a aparecer os embalos, as roupas produzidas, tudo que os punks repudiavam. Ao mesmo tempo, a maioria dos punks da Zona Leste (eu, por exemplo) começaram a reforçar os ' carecas' , que a essa altura já era o ' movimento careca' , tinha se expandido pelo interior de São Paulo e vários Estados do Brasil. Não é verdade que odiamos punks, o que odiamos são os embalos do movimento, os boys, os pilantras da city e os alienados, que passaram uma imagem errada e prejudicaram os autênticos que são pessoas que gostam do movimento e que lutam para que haja união entre TODOS os jovens EXPLORADOS" 7

Este manifesto foi escrito pelo careca G., que como todos os carecas originais, começou no movimento punk e posteriormente veio a se separar destes pelas razões anteriormente colocadas e que ele próprio citou. Podemos ver que temos um forma de expressão dos punks e dos carecas além da música: são as fanzines ( fan = fã ; zine = revista). Eles proliferaram em 1982, exatamente quando o movimento começou a se organizar ideologicamente em torno da bandeira da anarquia.

Nestes fanzines temos a expressão da ideologia de ambos os grupos, punks e carecas, além de informações de shows, de bandas e de notícias do que estava acontecendo no cenário punk no exterior. Por isso faziam reuniões, traduziam artigos estrangeiros sobre o assunto, na tentativa de direcionar o movimento para uma maior conscientização dos membros. Recortes de jornal e de revistas passaram a circular com maior frequência entre os jovens, muitos guardavam estes recortes sobre o assunto. Há também a troca de informações entre os representantes de diversos países, relatando inclusive o crescimento do movimento neonazista, que por sua maior organização começa a tomar corpo de maneira mais expressiva que o próprio movimento punk. Como forma de retaliação, fanzines punks começam a realizar uma campanha contra as bandas e agremiações que erguem a bandeira do neonazismo. As suásticas até então existentes em jaquetas de alguns punks passam a ser substituídas por outros símbolos: a presença inicial deste símbolo era apenas mais uma forma de agressão visual, nada tendo de componente ideológico em sua utilização.

Tal reação por parte dos punks não conseguiu, contudo, afastar os carecas da influência da ideologia neonazista. Na segunda metade dos anos 80, as primeiras influências claras atingiram o solo nacional, através de artigos publicados em revistas e jornais estrangeiros. Apesar de quase todos os carecas terem tido contato com o material, nem todos simpatizaram com as idéias pregadas nessas matérias. Tal fenômeno gerou ainda maiores cisões entre tribos, agora entre os carecas.

Tomado como molde, o neonazismo europeu serviu apenas como elemento de fermentação, visto que muitas de suas idéias chocavam-se diretamente com o público brasileiro que se posicionava como espectador daquilo que acontecia na Europa: Márcia Regina dita em seu livro a passagem em que um jovem faz o seguinte relato: "O Rafael me contou que um cara escreveu para a banda ' Four Skins' (Inglaterra) e que na resposta eles diziam odiar latino americano e mandaram um pau desenhado(...)" 8

Então para os carecas o movimento deveria ser exclusivamente nacional. Dessa forma, passa o movimento a assumir o caráter nacionalista que verdadeiramente marca os movimentos de extrema direita. Diante desse quadro, os Carecas do Subúrbio manifestaram-se contra os skinheads nazistas e apenas consideraram-se nacionalistas. Confrontada a postura adotada por eles com as doutrinas nazistas, claramente se percebem influências, principalmente com relação ao ódio expressado pela falta de coesão e desprezo pelos valores morais mais arraigados, manifestados desde sempre pelos punks, bem como pela abrangência em sua esfera de intolerância dos judeus e dos homossexuais, assumido para tanto as mesma justificativas nazistas. E os grupos políticos chegam aos carecas. Os integralistas, vindo deste grupo em formação um elemento interessante, e vendo com bons olhos o nacionalismo exacerbado dos carecas. No entanto, como visto, não são todos os carecas que participaram deste movimento de absorção das teorias pregadoras do nacionalismo: havendo a adesão maciça dos carecas oriundos do ABC paulista, há a separação dos carecas entre os do subúrbio da cidade de São Paulo e os recém formados "Carecas do ABC".

As diferenças são poucas, o entanto, entre os dois grupos. Primeiramente os Carecas do Subúrbio se concentram mais na Zona Leste de São Paulo e os Carecas do ABC nas cidades próximas da Grande São Paulo, concentrando-se em Santo André.<sup>9</sup> Em segundo lugar, a maior proximidade à ALB, com sede no Rio de Janeiro, dos carecas do ABC, tanto que tem como lema "Deus, Pátria e Família" assim como os integralistas de 1932. Já os Carecas de

Subúrbio recusam-se aderir a qualquer partido ou associação de cunho político. Os Carecas do ABC adotam uma postura machista, recusando a presença de mulheres em seus grupos, e adotando inclusive a hierarquia militar. 10

O pior está por vir. No final dos anos 80, o movimento começa a atingir a classe média, até então mantida fora dos movimentos iniciais. Começa a radicalização extrema no seio dos grupos carecas e começa o movimento skinhead: assumindo uma postura claramente racista, adotam os valores pregados pelos skinheads europeus e americanos, adotando a disciplina neonazista como filosofia de vida. Com isso, o grupo passa a angariar simpatizantes não apenas na Grande São Paulo, mas também no sul do país, com a grande presença de grupos de origem européia e favoráveis a separação entre os estados do sul do país e as outras regiões, identificando-as como a razão para a pobreza e o subdesenvolvimento do país. Surge então o movimento que veio a se denominar "White Power" ("Poder Branco"). Acreditando na superioridade da raça branca, adotam a política de ódio contra negros, judeus, homossexuais e nordestinos, considerando-os mesmo sub-raças. Dentro desta ótica, passam a considerar os nordestinos de uma forma geral como uma raça a parte, responsabilizando-os pela crise de desemprego que atinge São Paulo, desta forma condenando a migração em busca de melhores condições de vida dos oriundos dos Estados do Norte e Nordeste do país. Veja este trecho de uma letra de música da banda paulista "W.C.H.C" que Márcia Regina conseguiu em um dos fanzines por ela estudados:

"Migrante,  
Você vem pra cá  
Buscar o que não tem lá,  
Maldito migrante, desista  
São Paulo não te agüenta.  
Você só suga o sangue paulista!  
Apenas mais um na concorrência.  
Empregos, mulheres, terras,  
Tudo isso voce vai roubar.  
Volte para sua terra, migrante  
Filho da puta!" 11

Neste ambiente de fomentação da intolerância, eis que surge um guru: o gaúcho Siegfried Ellwanger, que passa a utilizar o pseudônimo de S.E. Castan, dono da revisão Editora, passa a escrever e publicar livros que pretendem fazer uma revisão histórica, notadamente do holocausto. Fazendo a apologia do nazismo e propagando o anti-semitismo, sugere uma fraude sobre o que foi até então escrito e disseminado sobre a doutrina do nacional-socialismo. Dentre seus livros, encontram-se títulos como: "Holocausto: Judeu ou Alemão? - Nos Bastidores da Mentira do Século" e "Acabou o Gás". Nestas obras, pretende o autor mostrar como fraude a existência de câmaras de Gás em campos de concentração nazistas, utilizando-se de métodos e provas por ele descritos como científicos. Toda a história de atrocidades cometidas contra os judeus durante a Segunda Guerra teria sido, segundo Ellwanger, uma conspiração internacional tramada pelos judeus para difamar a Alemanha. Em um excerto deste livro, justifica Castan a saída intempestiva de Hitler durante a vitória de Jesse Owens durante as olimpíadas de Berlim como uma orientação dada pelo Comitê Olímpico Internacional para que o Führer não cumprimentasse qualquer atleta após a vitória de outro americano, ocorrida em um momento anterior.

De toda forma, a ligação dos recém-formados skinheads com a política viria: o Partido Nacionalista Revolucionário Brasileiro (PNRB), surgido em sua origem com o nome de Partido Nacional-Socialista Brasileiro (PNSB) veio a atingir a necessidade dos skinheads de uma articulação política. Fundada por Armando Zanine Jr., tem como características patentes as bandeiras já levantadas anteriormente pelo grupo: o nacionalismo, a xenofobia e o anti-semitismo. Mesmo na clandestinidade, o partido continua suas atividades de forma indireta, através da construção ideológica e do apoio à atividade desenvolvidas pelos membros do White Power.

Dentre os movimentos neonazistas no país, seguindo a mesma linha de pensamento do White Power, chama a atenção o Movimento Participativo Nacionalista Social (PARNASO) Estruturalmente semelhante ao nazismo alemão, possui estatutos extraídos daquele partido

e possuem como bandeira de luta os questionamentos levantados por Castan: a negação do Holocausto. 12

O ponto de convergência entre todas as denominações entre os chamados carecas é a violência: tomada não apenas como uma forma de alertar a sociedade para seus pontos de vista, possui mesmo um caráter de entretenimento para os integrantes destas gangues. A eleição de alvos diversos, na verdade, é diferenciação mais evidente entre as tribos, embora o anti-semitismo e o ódio aos homossexuais seja uma unanimidade entre as doutrinas pregadas. Dentre os outros grupos presentes no direcionamento do ódio incontido estão os que se mantiveram fiéis à ideologia punk, os roqueiros de maneira genérica, os jovens membros de classes sociais superiores (pejorativamente denominados "boys") e outras formas de agremiação juvenil sob forma de tribos urbanas. De atividade eminentemente noturna, saem à caça de vítimas movidos por nenhuma outra forma de pensamento que não a intolerância racial e ideológica. As justificativas de busca de proteção da violência urbana com a agremiação em gangues continuam a ser utilizadas, apesar de agirem como verdadeiros elementos criadores de violência.

As guerras entre as gangues ainda continuam: superando as diferenças, os Carecas do ABC e do Subúrbio uniram forças em 1994 com o propósito de destruir o inimigo recém formado, o White Power, dos quais se diferenciavam pela aceitação de negros, mulatos e nordestinos em suas fileiras. No entanto, a onda de violência, como não poderia ser diferente, só aumentou com os confrontamentos constantes, não raramente resultando em mortes. A partir daí, a imagem criada pelos cabeças raspadas, já nada popular na sociedade, piorou, com a frequência com que estes conflitos repercutiam nos órgãos de comunicação, noticiando espancamentos, depredações e estupros cometidos na guerra entre as gangues.

O caso recente de maior repercussão na mídia foi o assassinato do adestrador de cães homossexual Edson Neris da Silva, espancado até a morte por aproximadamente 30 Carecas do ABC. Motivo: homossexual assumido, passeava de amos dadas com o namorado na Praça da República, no centro de São Paulo.

A partir deste episódio e com a conseqüente perseguição promovida pela imprensa e pela polícia às gangues, começou uma represália que se manifestou sob a forma de carros-bomba enviadas ao organizador do Movimento do Orgulho Gay e ao vereador Italo Cardoso (PT), ambos na capital paulista. A mensagem que acompanhava a bomba enviada ao vereador encontra-se aqui transcrita:

"Italo venha nos pegar.  
vamos detruir todos os veados, pretos e nordestinos .  
Nós que somos da raça pura, brancos homens e lutamos pelo fim dessa merda que são os veados, pretos e nordestinos e que nos impede de sair à noite, pois somos obrigados a encontrar essas bichas nojentas, estes pretos fedidos e os cabecinhas chatas que nos fazem vomitar, estão tomando conta da cidade.  
Esses filhos da puta estão dominando até policiais e vocês, cuzões de políticos juntamente com estas merdas de organizações de direitos humanos, ficam protegendo estas escórias que deveriam ser usados como adubo.  
Ficamos um tempo sem aparecer, pois estávamos nos organizando para a partir dia 7 de setembro aproveitar a data para liberar o Brasil destes excrementos.  
Todos que defendem estas sub-raças, vão se arrepender e vamos exterminar os principais para dar um exemplo de quem dominará o mundo.  
Estas comissões formadas por imbecis- os grupos de veados, de pretos, de colocadores de tijolos, mais essas ONGs como Tortura Nunca Mais, Anistia Internacional, Gapa, Acat e outras- todas vão se foder.  
Escolhemos um de cada grupo para dar uma lição para dar servir de exemplo. Já escolhemos os merdas de cada porra destas merdas. Podem esperar alguns prsentinhos nossos. Nos aguardem pois a limpeza vai começar.  
Salve a raça superior - Nós OS SKINHEADS"

Recentemente foi encontrado nos corredores da USP - Universidade de São Paulo um recorte de jornal noticiando a existência de um estudante neonazista nos quadros da Faculdade de Letras daquela universidade: André Schind Amaral Gurgel participou da fundação da União Nacional Socialista de São Paulo (UNSSP). Tornou-se conhecido por organizar uma campanha de expulsão dos nordestinos de São Paulo. Angariou a antipatia de seus colegas de campus e foi obrigado a trancar a matrícula sob pena de sofrer

tentativas de linchamento, segundo relato de seus colegas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diferença dos hippies e dos punks se fundamenta no comportamento e na origem sócio-política. O cerne político de ambos é o mesmo, como um movimento contrário ao Estado capitalista, os hippies nos EUA e os punks na Inglaterra.

Apenas um dos movimentos atingiram o Brasil com força e o movimento hippie não atingiu tanto a sociedade brasileira com tanto impacto quanto o punk. E este ficou em evidência no começo da década de 80, no fim do período da ditadura militar. As liberdades civis estavam sendo mais respeitadas tivemos a campanha de Diretas Já, a sociedade brasileira estava vivendo um período de redemocratização. Este contexto era totalmente diferente na época do aparecimento do movimento hippie nos EUA onde realmente houve este movimento. No auge da ditadura tornou-se impossível o aparecimento de um movimento de caráter brasileiro.

Os punks criticam o sistema, a mídia, mas estes foram o sustentáculo para que o movimento pudesse se desenvolver nos grandes centros urbanos. É a democracia, com todos os seus defeitos, que permite também os "carecas" se expressarem dentro da sociedade que tanto odeiam. Estes movimentos antidemocratas surgem, como surgiram na Alemanha e Itália, através de um governo democrático.

Concordo com Helena Salen quando sugere que, apesar de alguns destes movimento neguem serem neonazistas, o seu caráter excludente leva-os a tal. Os dois principais: Carecas do Subúrbio e Carecas do ABC foram responsáveis por vários crimes dentro dos limites da cidade de São Paulo e fora dele. O ódio irracional destes grupos a outros agrupamentos sociais consegue ter a mesma violência que a S.S tinha na Alemanha, alguns dos alvos apenas mudaram.

O que mais se choca é que estes grupos chegam ao absurdo de concordar com idéias como as de S.E. Castan. Eles lêem e tomam tal teoria como verdade inequívoca. O preço baixo de seus livros possibilitou que as camadas baixas, de onde provêm os "carecas", tenham acesso a seus livros. O que Castan faz também não é novidade.

A propaganda foi vista como uma arma poderosíssima para divulgar as diversas ideologias que foi muito, mas muito exploradas por Hitler. Um governante que tira a Alemanha da crise, dá emprego ao operariado alemão e melhora suas condições de vida, logicamente que o líder nazista cairia nas graças do povo germânico. Era a política da "Alemanha para os alemães".

O que os neonazistas brasileiros pregam é justamente a melhoria do país através da exclusão de uma parcela da sociedade. A diversidade racial que existe em nosso país só não foi engolida pelos White Power que acreditam piamente estarem em algum país europeu. Estes são a minoria da minoria, e tem que se relegar à clandestinidade política.

Já os "carecas" têm representação política, o PRONA que torna a situação política mais complicada ainda. Para se ter uma idéia de onde estamos nos envolvendo nas eleições municipais deste ano, o PRONA teve a vereadora mais votada na cidade de São Paulo. E para ser mais preocupante ainda temos a eleição de Jorg Haider como chefe do parlamento austríaco. As pressões contra a Áustria não resultaram o efeito desejado e Haider continua no poder.

Estaríamos vivendo um novo período de extremismo político? Ou vamos cometer o mesmo erro dos historiadores da década de 30 ao se referirem ao fascismo como um movimento passageiro? Realmente foi passageiro, mas o rastro de terror que o nazifascismo deixou feridas tão profundas que até os próprios alemães esforçam-se para esquecer.

O terror paira no ar na Europa, porém estaríamos ameaçados? É só mais uma onda juvenil dentre outras? A seriedade com que tratam o movimento os membros destes grupos não dá margem para indiferença. São organizados, tem contatos no exterior, fazem propaganda através dos fanzines, e como estamos no final do século XX, tem à sua disposição a internet. Que já brincou com fogo não quer se queimar de novo, você chegaria perto desta faísca? Chegue perto para ver se queima. Afinal é só o Brasil.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ARENDR, Hannah. O Sistema Totalitário, Publicações Dom Quixote, Lisboa: 1978.

COSTA, Mária Regina da. Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um Nomadismo Moderno, Musa Editora, São Paulo: 2000.

DA SILVA, José Luiz Werneck (org). O Feixe: O Autoritarismo como Questão Teórica e Historiográfica, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro: 1991

DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos da Teoria Geral do Estado, Editora Saraiva, São Paulo: 1987.

EBENSTEIN, Willian. Totalitarismo: Novas Perspectivas, Edições Block, Rio de Janeiro: 1967

FONTETTE, François de. História do Anti-semitismo, São Paulo: 1989. Coleção Cultura Contemporânea.

GOOCH, John. A Unificação da Itália, Editora Ática, São Paulo: 1991.

HEING, Ruth, O Tratado de Versalhes, Editora Ática, São Paulo: 1991

HITLER, Adolf. Minha Luta, Editora Moraes, São Paulo: 1983.

KONDER, Leandro. Introdução ao Fascismo, Edições Graal, Rio de Janeiro: 1977.

LENHARO, Aldir. Nazismo: O Triunfo da Vontade, Editora Ática, São Paulo: 1998.

SALEM, Helena. As Tribos do Mal: O Neonazismo no Brasil e no Mundo, Editora Atual, São Paulo: 1995. Fonte: <http://www.protestantespunk.cjb.net>

